



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ANDRESSA VIEIRA ALLET

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-479

Entrevistada: Andressa Vieira Allet

Nascimento: 19/10/1982

Local da entrevista: CEME – ESEF (Porto Alegre-RS)

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 10/10/2014

Transcrição: Alexandre Luz Alves

Copidesque: Suellen dos Santos Ramos

Pesquisa: Suellen dos Santos Ramos

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora 2 minutos e 32 segundos.

Páginas Digitadas: 21 Páginas

Observações:

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção na modalidade; Preconceito sofrido; Projeto social; Programa Esporte Integrado; Competições estaduais; Competições nacionais; Títulos de expressão; Incentivo do pai; Teste para entrar em grandes clubes; Convites para participar de competições; Falta de valorização no esporte; Futsal; Futebol; Futebol de rua.

Porto Alegre, 10 de outubro de 2014. Entrevista com Andressa Vieira Allet a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. – Primeiro eu gostaria de te agradecer por conceder essa entrevista. E começo perguntando como tu iniciaste a tua prática esportiva? Se tu já iniciou direto no futebol ou se teve uma vivência antes?

A.A. – Acho que eu tinha uns seis ou sete anos de idade, sempre gostei de jogar bola. Eu comecei na escola, jogando na linha, não era... Atualmente eu sou goleira, mas comecei jogando na linha na escola e era bem difícil assim de meninas estarem jogando e muito preconceito dos meus colegas. Não queriam deixar eu jogar, aquela coisa que a gente sabe como funciona. Mas eu comecei jogando na escola mesmo, depois na rua com os meus colegas, com os meus vizinhos e amigos até que meu primeiro time feminino foi dentro da escola, eu tinha uns treze anos de idade. Dai eu descobri que tinham outras meninas que jogavam, doze, treze anos de idade. Depois formaram uma escolinha, mas foi com o futebol mesmo. Depois que eu me descobri no gol, foi na escola que ninguém queria ir para o gol e tinha que jogar os jogos escolares do município e ninguém queria ir para o gol e eu era fominha. Ninguém queria ir para o gol e aquela coisa, e não dava jogo por que ninguém queria ir para o gol e ai eu acabei: “Tá “sora”, eu vou no gol para dar jogo”. Por que eu queria jogar né? Ai não quiseram mais me tirar do gol [risos]. “Tu é a goleira, tu é a goleira”. E ai goleira de handebol e de futsal, mas a minha experiência maior é no futsal.

S.R. – Como foi a reação da tua família quando tu disse que queria jogar futebol?

A.A. – Meu pai sempre me deu muito apoio, ele adorava me ver jogar, sempre me acompanhava nos jogos, sempre junto comigo. A gente fazia o torneio da rua que tinha... Eu tinha uma amiguinha que eu forçava ela a jogar comigo, era torneio de dupla. Era eu e o irmão dela, e o vizinho, primo, sei lá e mais o outro... E ela né? A gente fazia de dupla o torneio ali, o meu pai assistia e dava o maior apoio. Pulava o muro da escola para jogar na quadra porque não tinha espaço junto com os guris e ele ia junto comigo. Meu pai sempre me apoiou muito, sempre gostou. Mas a minha mãe não gostava muito, minha mãe sempre dizia o fato de eu estar sempre no meio dos guris, que não era muito legal. Que as pessoas

falavam e também muito medo que eu me machucasse, o medo maior dela acho que era esse por ela achar o futebol muito... E ela não era muito do esporte também, eu acho que por ela não ter essa vivência no esporte em si ela tinha medo né? Já meu pai não, meu pai era tranquilo. Mas é a aceitação nesse sentido.

S.R. – Tu lembra de algum fato marcante desse tipo de preconceito que tu sofreu pelos teus colegas e dessa resistência da tua mãe?

A.A. – São vários...

S.R. – Conta um pouquinho...

A.A. – Na escola, o preconceito era chamar a menina de menino pelo fato de gostar de jogar futebol, simplesmente por isso. Eu era muito inocente assim, eu via na televisão os jogadores de futebol usar... Que tinham que jogar com o meião alto, e eu tinha acho que uns sete anos, oito anos de idade, nunca vou me esquecer. Era a meia que eu comprei, nem lembro se era meia de futebol, eu sei que eu tinha uma meia grande e eu sabia que naquele dia eu ia ter aula no pátio, que ia ter jogo e eu fui com a tal da meia levantada, para quê? “Arriação” geral dos guris principalmente por que eu estava com aquela meia levantada porque eu queria jogar bola, porque aquilo me identificava com o jogo. E eu não entendia o porque daquilo, mas também, eu ficava um pouco chateada e ao mesmo tempo... Em relação a minha mãe... Da minha mãe, eu estar jogando no meio dos guris, sempre no meio dos guris, jogando por que não tinham meninas. E as amigas que eu tinha não queriam jogar bola, queriam brincar de boneca, eu sempre queria fazer uma troca com elas, mas não dava muito certo. Um momento a gente vai brincar de boneca e depois a gente vai jogar bola, mas não dava certo, eu brincava de boneca, mas depois na hora de jogar bola elas não curtiam muito. A minha mãe dizia: “Tu não viu? Passou umas mulheres ali falando que feio uma menina andando no meio dos guris, jogando bola”. Isso me marcou quando eu era criança.

S.R. – Ela chegava e te falava isso?

A.A. – Foi uma vez só. Ela estava junto, era no muro de casa, estavam sentados, reuniu a galera para conversar, bicicleta, que era o mesmo grupo que jogava futebol. Ela estava ali na frente, acho que varrendo, fazendo alguma coisa e ela ouviu as vizinhas passando, alguém passando e comentando. Depois ela me disse, daí isso me marcou. Tem várias coisas marcantes quando eu era criança mesmo.

S.R. – Até hoje ela tem esse pensamento ou já...

A.A. – Ela se acostumou com a ideia de eu jogar por que tudo que eu conquistei até hoje foi... Como pessoa posso dizer que foi através do esporte. Por gostar de jogar, por gostar do futebol em si, qualquer pratica esportiva, em especial o futebol foi grande experiência para a minha vida pessoal e profissional, foi isso. Então não é algo que é ruim para ela, acabou... Até esses tempos a gente estava conversando: “Só no futebol que eu não te apoiei muito...”. Ela mesma fala e eu digo: “Verdade mãe”. Mas não mudou muito, é que eu deixei de fazer muita coisa que ela julgava que seria importante para a minha vida para jogar bola. Coisas que ela julgava... Porque tu sabe né? Quando a gente está em uma equipe, eu deixava de fazer muitas coisas, de sair, porque eu tinha jogo no outro dia, ou porque eu tinha treino. Nunca deixei de estudar, isso não, mas ela achava que eu tinha que fazer outras coisas e eu vivia dentro do ginásio, final de semana dentro do ginásio, por que tu está dentro de uma equipe e tu joga dois, três campeonatos simultâneos. Eu era muito certinha, eu não queria sair, eu não queria fazer nada por que eu tinha jogo no outro dia, então me prejudicava né? E goleira tu sabe como é que é? Não pode errar.

S.R. – Esse primeiro time que tu teve conhecimento, que tu tinha treze anos como tu disse, tu lembra o nome do time? Da onde era?

A.A. – Bola Cheia, era uma escolinha, mas era uma escolinha de meninos também. E aí o professor conseguiu juntar umas sete, oito gurias que jogavam bola, aí eu participei dessa escolinha, uns meses. Depois não deu muito certo, meio que acabou o feminino. E dentro da escola que tinha umas meninas que jogavam também que eu descobri, eram gurias até um pouco mais velhas do que eu. Depois numa escola maior, por que eu estudava numa escola municipal que era menor, acho que era por isso que eu não tinha muito conhecimento. Eu fui para uma escola estadual que era maior, que tinham mais alunos, foi

ai que eu vi que existia possibilidade de meninas jogarem e que tinha os jogos escolares do município que tinha o futsal feminino e tinha inclusive o futebol de campo que hoje já não tem mais.

S.R. – Esse município seria?

A.A. – Sapucaia do Sul¹, que era o JEMUSA². E foi ai que eu descobri, daí eu me inseri nesse grupo de meninas que jogavam dentro da escola para representar a escola nos jogos... E depois tinham os jogos da UNISINOS³ que a gente ia jogar, handebol e futsal. Era muito legal, daí eu conheci outras meninas que jogavam no Grêmio⁴, na época era Tati⁵ e a própria Aline⁶... Tu deve saber quem é...

S.R. – A Ninja?

A.A. – A Ninja! É que eles chamam ela... Eu não queria falar [risos]. Chamam ela de Aline Cavallo, por que ela bate muito forte na bola, eu não sei se tu já ouviu falar.

S.R. – É a Ninja, é a mesma.

A.A. – E estudava na mesma escola que eu, ai eu descobri que existia o Grêmio futebol feminino, o Inter⁷, foi através dessas meninas. Só que ai, o que aconteceu? Quando eu era criança eu não dava muita bola, não me sentia muito bem, mas eu não dava bola eu queria jogar bola por que eu gostava. O amor ao esporte era maior do que tudo, depois que eu fiquei mocinha e comecei a me importar com algumas coisas, me importar mais com que os outros pensavam de mim, ou falavam, começou a prejudicar o meu rendimento no futebol. Comecei não jogar tão bem quanto eu jogava, foi uma fase de adolescência sabe? De transformação de corpo, entende? Quando eu fiquei mocinha mesmo, que eu comecei a me importar mais com o que os outros pensavam, justamente por isso, pela transformação

¹ Município do estado do Rio Grande do Sul.

² Jogos Escolares Municipais de Sapucaia do Sul.

³ Universidade do Vale dos Sinos.

⁴ Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

⁵ Nome sujeito a confirmação.

⁶ Aline de Borba Fermينو.

de corpo. E eu comecei a prejudicar o meu rendimento, mesmo no jogo e foi na mesma época, eu jogava na linha e eu jogava muito bem. Os guris me convidavam para jogar os torneios junto com eles por que eu jogava bem mesmo. Eles chegavam para o meu pai e falavam, mas meu pai não tinha muito conhecimento, porque ele não investia, não levava para algum lugar. Só que ai depois eu realmente decai, acho que por que tu tem um momento que tu está no auge que tu tem que explorar aquilo e tu vai. Depois tu perde aquilo, e foi isso que aconteceu comigo. Eu já estava nesse momento de transição de corpo, que daí eu fui pedir para as gurias conseguirem um teste para mim no Grêmio, tanto a Aline quanto a Tati que estudavam junto comigo. Eu fui com elas lá, era uma semana de teste onde já não sabia se eu jogava na linha porque eu não estava jogando tão bem, eu queria jogar na linha ou eu jogava no gol porque o meu professor dizia para mim que eu jogava muito bem no gol. Ai se tu vai fazer teste num clube grande, tu não sabe aonde tu vai jogar, tu começa errado, começa torto. Os dois primeiros dias daquela semana eu fui jogando na linha depois resolvi ir para o gol, nada a ver, eu tinha dezesseis anos, quinze anos. Resumo da história que claro, óbvio, hoje eu entendo, os caras faziam umas loucuras, que hoje eu sei que aquilo para mim era um crime sabe? O que eles fizeram comigo, comigo e com as outras gurias. Eles fizeram três grupos, eu nunca vou me esquecer disso, foi bem traumatizante para mim, três grupos de corrida dentro do próprio Olímpico, onde aquele grupo não poderia se separar e cronometrado. As gurias que tinham maior nível de aptidão física era um tempo mais reduzido e eram quatro séries de cinco voltas cronometradas e um descanso mínimo. E ai, claro eu fiquei no grupo de teste que era o grupo que estava iniciando, mas eu não queria, como é que eu posso dizer, eu não queria não correr porque eu sabia que eu precisava correr para passar no teste e o ar não passava mais. Eu pensei que eu ia morrer e o cara sentado: “Bah! Como é que tu quer passar no teste assim, desse jeito”. Ele dizia para mim, e eu mal, não passava o ar, imagina... Eu nunca tinha corrido na minha vida, quinze anos, não sabia o que era... Foi um crime o que eles fizeram, tanto é que até hoje para correr eu não gosto de correr por causa disso, traumatizou. No final do teste foi uma coisa muito louca, eu não passei, obvio né? Cheguei lá, tinha uma listinha dizendo que eu não tinha passado e eu fui chorando do Olímpico⁸ até em casa, não conseguia parar de chorar, ônibus, trem. Cheguei em casa meu pai queria ir lá

⁷ Sport Club Internacional.

⁸ Estádio Olímpico Monumental, do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

quebrar a cara do técnico [risos]. Foram coisas assim que o esporte traz... Faz parte do crescimento pessoal da gente, mas são coisas que marcam. Já que a gente está no assunto.

S.R. – Depois dessa tua tentativa de ingressar no Grêmio, qual foi a tua alternativa para continuar jogando futebol?

A.A. – Tinha um senhor de Esteio⁹ que estava montando um time Canal Três, ele estava montando um time para jogar o Municipal de Esteio¹⁰. Ele tinha uma locadora, ele que bancava tudo, tem gasto, alguém tem que bancar isso né? A Tati parece que foi convidada para jogar, ele me conheceu através dela, eu não me lembro direito, eu sei que eu fui convidada para jogar nesse time. Fui convidada para jogar como goleira e ali me abriu as portas para um mundo que eu não conhecia, porque até então era dentro da escola, fiz um teste no Grêmio que não rolou, era escolinha, jogar na rua e através do Canal Três foi a vitrine. Que eu sabia que existiam outras equipes organizadas. Existia algo além do meu mundinho, eu tinha quinze anos, quinze para dezesseis. O time não vingou muito, a gente não ganhou campeonato, a gente foi para a final, mas perdeu para o CEPE, o antigo CEPE que tinha um time, que a Caniggia jogava, a Jú¹¹ que hoje está na Espanha. É uma longa história! É da Seleção Brasileira, tudo de Esteio. Dai a gente... Dai foi montado o Black Time, Sapucaia e ali do Black Time também a gente começou a jogar a Liga Canoense, me convidaram. Estou te contando resumido... Se montou o Black Time, eu fui jogar a Liga Canoense dai também foi vitrine, dai o Vernisul me convidou para jogar o Brasileiro...

S.R. – Isso tudo futsal?

A.A. – Tudo futsal. Campo comecei a jogar á pouco tempo. Com o Sapucaense, mas dai vamos indo [risos]. Eu comecei a jogar com o Black Time, a Liga Canoense, ai o Vernisul, não sei se tu conhece? O Vernisul tinha um time muito bom, na época as referências no Rio Grande do Sul eram o Chimarrão¹² e o Vernisul, eram os dois que pagavam as meninas, algumas meninas para jogar. Fui para o Vernisul disputar o Brasileiro e se criou uma rivalidade muito grande entre Black Time e o Vernisul porque eu sai de boa, mas as

⁹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁰ Campeonato Municipal de Esteio.

¹¹ Juliana Delgado.

duas técnicas não se davam. Eu não deixei de jogar pelo *Black Time*, eu só ia jogar o Estadual não era o Brasileiro, e depois teve o Sul Brasileiro que eles montavam aqui. Não sei se não tem mais, nunca mais ouvi falar. Mas montavam o Sul Brasileiro que era no Centro Olímpico em Canoas¹³, daí eu joguei o Sul Brasileiro e o Estadual pelo... Acho que foram dois anos consecutivos pelo Vernisul, foi aí que eu acabei... Foi uma fase de conclusão de ensino médio e não sabia o que ia fazer, se ia trabalhar se ia estudar. Por que eu nunca... Meus pais não tinham condições de pagar universidade para mim, então eu que tinha trabalhar para pagar e uma UFRGS¹⁴ eu nunca tentei também, não sei por quê. Eu comecei a trabalhar e estudar, eu fiz o vestibular da UNISINOS e comecei a estudar na UNISINOS. Então trabalhar o dia inteiro e estudar e na época na Liga eu vi o time da UNISINOS jogando, daí eu tentei conciliar: Vou trabalhar, vou estudar na UNISINOS e vou tentar entrar no time da UNISINOS, que eu tento conciliar os três. E eu larguei um pouco de mão esses times do *Black Time*, o Vernisul e aí fui jogar mais a nível universitário mesmo, que é um outro nível, convenhamos, bem melhor. Eu acho bem melhor, em nível de tudo, de estrutura, de organização, de valorização. E aí... Eu sempre conto essa história, tinha uma outra goleira no tempo do *Black Time*, a Catiele¹⁵, sabe a Catiele? Seleção Brasileira? Foi para a Espanha, jogou no mesmo time da Jú. Ela jogava junto comigo, só que ela era minha reserva...

S.R. – No *Black Time*?

A.A. – No *Black Time* ela era a minha reserva. E eu largando esses times de mão, fui jogar mais a nível universitário, por que eu tive que escolher ou jogar bola ou trabalhar e estudar e futebol feminino a gente sabe o futuro. Infelizmente aqui não é valorizado, então eu optei por trabalhar e estudar e jogar no time de universidade. Essa menina que era a minha reserva no *Black Time* mesma coisa, claro, assumiu minha posição, começou a se destacar, jogava muita bola e foi para o Chimarrão, do Chimarrão foi para a Espanha, da Espanha foi para a Seleção Brasileira. E eu fico pensando sabe? Pô! Ela era a minha reserva. Não estou desmerecendo ela, talvez era para ela ser, com certeza, acho que cada um trilha a sua história, mas são escolhas que tu faz. E que eu não me arrependo por que hoje ela voltou,

¹² Sociedade Esportiva Recreativa Chimarrão.

¹³ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

não sei que estrutura ela tem também tu entende? Não vou entrar nesse mérito, mas com certeza ela deve ter vivências muito legais pra a vida dela como profissional, no futebol feminino. Mas eu não sei até que ponto isso gerou frutos além tu entende? Pela questão da desvalorização mesmo do futebol feminino, não sei como ela está agora, sei que ela voltou e o ano passado quando eu fui ver as finais do Estadual Feminino de Futsal ela estava de goleira do Chimarrão, ela tinha voltado para cá, não sei se tu lembra? Era ela... Não sei também, mas tá... Ai eu me formei na UNISINOS, fui campeã do JUGS¹⁶ três vezes, 2004, 2005 e 2006 fomos vice para a ULBRA¹⁷ e 2007 ganhamos da ULBRA, já vou te contar essa [risos]. A gente ganhou e daí claro, fomos para o Brasileiro, três vezes também, 2004 em São Paulo, tudo com o time da UNISINOS, 2005 em Recife, que foi melhor, na praia e 2007 em Santa Catarina, em Blumenau. Isso que eu queria te contar da ULBRA rapidinho como foi a nossa vitória. A gente empatou e foi para a prorrogação, gol de ouro, quem faz vence, aí uma loucura dentro da ULBRA. A gente nunca conseguia ganhar da ULBRA, uma dificuldade, sempre foi uma rivalidade UNISINOS e ULBRA muito grande. Na época era um timão, não que não seja agora, mas sempre foi um time forte, só que eram outras meninas, a Tatiele¹⁸ jogava se eu não me engano, era o time que na época a Melissa¹⁹, a Ayla²⁰, Carol²¹, era um time... Da época da ULBRA das antigas... Eu não lembro se era o Gelson²² que era o técnico. Bah! Eu não lembro, é que teve muitas mudanças... Mas como a gente ganhou, gol de ouro, eu não lembro se empatou 1x1, ou 0x0, eu não lembro. Eu sei que foi na falta, uma das nossas gurias não tinha para quem passar, deu um bico direto para o gol e eu não me lembro se bateu na Melissa e entrou, enganou acho que a Kariny²³, enganou, gol, ganhamos. Com esse gol [risos]. Fomos para o Brasileiro, eu nunca vou me esquecer, isso foi muito, muito engraçado. São coisas do esporte mesmo né... Daí me formei na UNISINOS, nem sei se está dentro... Estou te contando a minha trajetória no futebol... Daí saí da UNISINOS e fui para... Fiquei um ano fora por que... Daí como eu fui para o PEI²⁴? Fiquei um ano fora daí abriu uma vaga lá...

¹⁵ Tatiele Rodrigues.

¹⁶ Jogos Universitários Gaúchos.

¹⁷ Universidade Luterana do Brasil.

¹⁸ Tatiele dos Santos Silveira.

¹⁹ Melissa Angelica de Boita.

²⁰ Nome sujeito a confirmação.

²¹ Caroline Coruja Pesenti.

²² Gelson Vieira da Silva.

²³ Kariny Gomes Rosa.

²⁴ Programa Esporte Integral.

S.R. – Fora da UNISINOS?

A.A. – É, fiquei um ano trabalhando na Secretaria de Esportes de Sapucaia, trabalhando em outros lugares, não era na UNISINOS, tenho que me lembrar agora. Fiquei um ano fora da UNISINOS em função disso porque eu me formei e depois voltei a trabalhar na UNISINOS, mas até jogo de brincadeira lá, mas não posso jogar porque não estou estudando. Até poderia jogar, eu estava pensando que poderia jogar a Copa UNISINOS porque eu faço o Unilínguas mas não deixaram porque não pode ser mais curso de extensão, uma coisa assim que me disseram. Mas nesse meio tempo que eu fui para a Secretaria de Esportes eu era preparadora de goleiros lá, fiquei três anos e meio trabalhando nas categorias de base do Sapucaense, um mulher treinando meninos...

S.R. – Como foi essa experiência?

A.A. – Bah! Vou te contar várias histórias. Já falo essa, só para seguir essa linha... Ai eu trabalhando na Secretaria de Esportes, daí tem Newton²⁵ que formou o time do Sapucaense, na época eu estava jogando no Chimarrão, também treinei uma época lá, joguei Brasileiro pelo Chimarrão, mas eu era reserva, era a Júlia²⁶ que era titular, aprendi muitas coisas com ela. Era ruim o deslocamento, eles não estava me ajudando com a passagem, com o dinheiro da gasolina, não estava muito legal de grana, daí eu disse: “Vou dar um tempo”. E não fui mais para o Chimarrão e ai fui jogar campo, que o Newton me convenceu de que eu tinha que jogar campo e eu sempre dizia para ele que não, que eu era goleira de futsal que campo e muito diferente... E ele insistiu muito para que eu fosse, não me arrependo né, por que através do campo eu também tive outras experiências muito legais como disputar um Gauchão²⁷ de futebol feminino e achar que sei lá... Eu não achava que ia ter... Que eu estava jogando muito mais pelo esporte porque eu gosto, mas não... Eu não pensava, ao contrario da Aline, o meu sonho era ser jogadora de futebol, ela não tinha esse sonho, eu tinha um sonho de ser jogadora de futebol. Só que depois eu vi que não tinha muito futuro, então eu abdiquei para outras coisas. Mas então eu estava jogando por

²⁵ Newton Correa.

²⁶ Júlia Melz.

²⁷ Campeonato Gaúcho de Futebol.

lazer e vem o Gelson e me convidou para jogar no time do Porto Alegre²⁸ a Copa do Brasil, e aquilo foi uma realização. Eu tive todo o apoio da Secretaria de Esporte de Sapucaia porque eu tinha que ir lá, que é longe para caramba, eu moro em Sapucaia, para treinar. Treinei e eles deixavam, eu chegava atrasada para dar treino para os guris, mas eles me deram todo o apoio por que eu estava representando o município. Eles fizeram todo... Entrevista, jornal sabe? Bem legal...

S.R. – Tu lembra que ano foi isso?

A.A. – Foi 2009.

S.R. – 2008 tu jogou o Gauchão pelo Sapucaense e 2009 tu foi convidada para jogar a Copa do Brasil?

A.A. – Não , eu acho que foi no mesmo ano de 2009. Por que em 2009 eu estava jogando Gauchão e eu acho que eles já tinham ganho no ano passado...

S.R. – Ah! Sim! No ano anterior tu também ganhou...

A.A. – Isso, e foi 2009 que eu fui jogar a Copa do Brasil. Ai joguei a Copa do Brasil, claro a Sol²⁹ era titular, mas para mim, eu fui, entendeu? [risos]. Fui vista, independente, e ai joguei e depois o outro ano foi pelo Torrense³⁰, que o Newton fez uma junção, não sei os esquemas que ele fez com o Torrense e eu acabei indo junto e ai 2010 eu nem sabia que estavam fazendo uma seleção gaúcha de futebol. Ai a Giu³¹: “Tu já olhou o site? Tu já olhou a convocação?”. Eu nem sabia, te juro, eu estava meio alienada, daí na época eu estava jogando pela UFRGS, pelo Zequinha³², futsal, pelo São José e eu entrei no site, vi que meu nome estava convocada entre as goleiras da seleção gaúcha de futebol de campo, outra realização que eu não estava esperando. Que eu já tinha largado meio que as chuteiras, digamos assim. Só estava jogando por que eu gostava de jogar, então por isso eu

²⁸ Porto Alegre Futebol Clube.

²⁹ Solane Farias.

³⁰ Sport Club União Torrense.

³¹ Giulianne Domingues.

³² Esporte Clube São José.

não me arrependo de ter ido para o campo, aconteceu uma série de questões importantes para mim. A experiência de ser preparadora de goleiros... Fiquei três anos e meio trabalhando, dois anos como estagiária e me formei e um ano e meio como “CC”, cargo de confiança. Eu jogava... Bah! Me esqueci dessa parte... Eu jogava nas escolinhas comunitárias de Sapucaia, ali também foi um grande... Que eu conheci várias meninas, eu sai de uma escolinha e descobri que tinha a escolinha do município que não pagava, ai eu fui para as escolinhas comunitárias. Se tu for no ginásio Kurashiki³³, os quadros, aparecem dois quadros que tem eu lá de goleira, de campeã municipal de areia, que a gente foi campeão duas vezes, tem dois quadros lá bonitos, nem parece eu, o tempo me fez bem [risos], eu acho né. Ai jogando pelas escolinhas então, os professores da secretaria de esporte já me conheciam, sabiam que eu era goleira, sabiam da minha trajetória e ai a primeira coisa: “Ah! Tu vai ser preparadora de goleiros...”. Quando eu me formei, fui trabalhar como estagiária, eles já tinham sido meus professores da escolinha, então eles pegaram e me puxaram para ser preparadora de goleiros. Eu nunca vou me esquecer, meu coordenador dizia para mim: “Andressa, sinceramente, tu é a única mulher treinadora de goleiros masculino que existe por aqui...”. Em 2010 ali. Não tem! Procura para ver se tem, não tem, e realmente não tinha. E a gente tinha um baita projeto de parceria, era mirim, infantil e juvenil que eu treinava, claro, não era profissional, mas foi uma experiência muito legal. A gente ia viajar, jogava estadual, Gauchão, tudo, e eu aquecendo os goleiros, sempre né, tem vezes que eu tinha que me concentrar no que eu estava fazendo, eu não ficava prestando atenção ao meu redor e eu acabei me acostumando. Eu conquistei o meu espaço, já me respeitavam, os guris, era uma coisa muito legal, hoje eu dou aula numa escola à noite que os guris chegam para mim que eu treinava os goleiros lá e que jogavam na linha do Sapucaense são meus alunos na escola á noite. E eles vêm e falam para os outros que eu era preparadora de goleiros, que eu chutava tri bem, que eu colocava a bola aonde eu queria. Realmente, eu fazia, hoje eu nem sei mais, mas eu fazia, preparador de goleiro tem que saber bater na bola e ai os guris chegavam: Ah! Mentira!... Oh! “sora” é verdade que não sei o que, que o fulano falou?”. Eu dizia: “É verdade”, é difícil eles acreditarem e eles comentam até hoje. Mas um jogo de semi final de Gauchão os guris foram para os pênaltis do Sapucaense mesmo, não sei se tu já foi no Sapucaense, mas na volta dele tem casas, ele é no meio do centro da comunidade, então tem casas na volta e as

³³ Ginásio Municipal de Esportes Kurashiki.

vizinhanças ficam nos muros assistindo. A gente foi para os pênaltis, olha foram vinte e poucos pênaltis batidos, eu nunca vi tantos assim e ou os guris erravam, botavam para fora, muito louco, ou era gol, gol, gol. E o meu goleiro, eu não sei te explicar, ele não defendeu nenhuma, ele não conseguiu defender e ele salvou todas no jogo, ele jogou muito bem, só que no pênalti, não adianta, tem goleiro para pênalti. Ele não pegou nenhum e ai um dos nossos de linha errou... Aqueles mata-mata né? E o outro fez e acabou o jogo, a gente perdeu de ir para a final, ai foi disputar terceiro e quarto e eu nunca vou me esquecer a gente passando para ir embora, tinha uma mulher, uma mulher, isso que é o pior, no muro dessas casas em volta e falou assim: “Ah! Tinha que ser uma mulher para treinar os goleiros, porque não pegou nenhum pênalti”. E eu fingi que não ouvi, nem olhei para o lado, uma mulher falando, o que é pior, que eu acho bem pior. Eu nem sei se eu te falei tudo o que eu queria te falar por que deu para misturar um pouquinho...

S.R. – Vamos retomar um pouquinho. Tu lembra quais campeonatos tu jogou além desse que tu já me citou? Com futsal?

A.A. – Te citei todos estes, mais de nome, o estadual de futsal feminino agora com o Zequinha que foram os últimos que eu joguei, 2010 e 2011, eu não me lembro direito. Joguei os municipais de Porto Alegre, vários com a própria UNISINOS e se eu não me lembro com o Zequinha ou a UFRGS, um dos dois a gente jogou. De nome, os mais conceituados eu já te falei, e os campeonatos municipais de Sapucaia, de areia, de Esteio, de areia também, torneios, vários torneios, torneios de ficar o dia inteiro dentro do ginásio, calor desgraçado ou frio desgraçado. Os mais assim, de nome, mais representativos foram esses.

S.R. – E futebol de campo foi Gauchão, Copa do Brasil... Lembra de mais algum?

A.A. – Aqueles torneios que a Duda³⁴ fazia, também tinha uns mais internos que ela fazia. De campo foi isso. Ah! O municipal de Porto Alegre de campo, no Gasômetro³⁵, não na Redenção³⁶, é na Redenção né?

³⁴ Eduarda Marranghello Luizelli.

³⁵ Usina do Gasômetro, Porto Alegre.

³⁶ Parque Farroupilha, Porto Alegre.

S.R. – É na Redenção ou no Marinha³⁷, um dos dois.

A.A. – Não, foi na Redenção. De campo é isso.

S.R. – Como foi conciliar o futsal com o futebol de campo?

A.A. – Complicado, na época eu jogava tanto futsal estadual pelo Zequinha quanto pelo campo, pelo Porto Alegre ou Sapucaense, eu não me lembro qual dos dois. E aí eu sei que eu tinha que me concentrar muito, principalmente no futsal, por que o futsal é o meu xodó, não desmerecendo o campo, só que são técnicas totalmente diferentes. Então técnicas que o tempo de bola, tudo, eu não preciso nem te dizer né? Então a técnica que eu usava no campo tinha que tentar não usar. Eu senti uma dificuldade, eu senti mais dificuldade no salão depois que eu comecei a jogar campo. Porque no campo tu pode de repente espalmar e recuperar mais tranquilo, até as gurias, porque é maior né, o futsal não. No futsal quanto mais tu conseguir segurar a bola, sem dar o rebote, melhor, da forma como tu cai, enfim e é mais lento o campo, eu acho mais lento que o campo do que o salão, o salão é muito mais ágil. Então jogar campo deu uma queda no futsal isso eu tenho certeza, não algo muito... Mas eu sabia do meu potencial, eu sabia que aquilo que eu estava fazendo no salão eu não faria se eu não tivesse jogando campo. Por que tu te atrapalha, a bola pegar aqui ou pegar aí, umas coisas assim, o tamanho da bola e no salão eu não jogo de luva, eu não gosto de jogar de luva eu gosto de sentir a bola, no campo não tem como tu não jogar sem luva, tu tem que jogar com luva. Então essas questões...

S.R. – Hoje quais as dificuldades que tu aponta em jogar futebol? Não só hoje mais as dificuldades que tu aponta que tu tiveste em jogar futebol aqui no Rio Grande do Sul?

A.A. – Inicialmente eu tive que optar, como eu te falei, eu tinha um sonho de ser jogadora, não tinha apoio nenhum, financeiro de ninguém. Eu tinha que pagar as minhas... Se eu quisesse jogar tinha que locar quadra para jogar, deslocamento, alimentação era tudo por minha conta, tudo bem, não era essa a questão, mas eu tive que optar entre trabalhar e

³⁷ Parque Marinha do Brasil.

estudar e jogar. Eu acho que isso foi uma dificuldade que eu tive para tentar... Foi um empecilho que eu vi que não tinha muito futuro, eu segui só jogando, por isso que eu abri outros caminhos para mim, eu acho que foi isso. Pessoal... Teve uma época em que eu jogava em dois, três times ao mesmo tempo, escolinha, Vernisul e Black Time, uma loucura. Também não tinham muitas goleiras na época, goleira sempre foi uma figura difícil, acho que era por isso que eu jogava em três times e eu gostava. Mas o que aconteceu? Hoje uma dificuldade pessoal é o meu tornozelo, para o meu trabalho dificulta muito, por que ficou crônico, faz fisioterapia e às vezes estou caminhando piso em falso e tenho uma entorse e isso me prejudica no jogo...

S.R. – Aconteceu jogando?

A.A. – Jogando na escola, meu primeiro entorse e como eu sempre estava jogando eu não parava. Parava, esperava desinchar com gelo, dava uma semana, duas que não é o ideal e eu nunca vou me esquecer um massagista um dia disse para mim: “Andressa se tu não parar isso vai te prejudicar no futuro”. Só que cabecinha né? Não estava nem ai, queria jogar bola e hoje estou sofrendo com isso, mas a dificuldade mesmo é isso, é a desvalorização. A gente tem que sempre optar em trabalhar, estudar para ter um futuro por que se tu quiser ser jogadora de futebol é diferente do masculino. Se tu vai para um patrocinador que queira: “Ah! Vou patrocinar o masculino”. Se o cara gosta de futebol e tem grana ele investe, agora feminino é bem difícil. No início foi espaços, encontrar meninas que jogassem e as coisas foram fluindo. O que eu achei para estar no meio? Fiz educação física e trabalhei com futebol na maioria da minha trajetória e hoje trabalho em um projeto social em uma universidade, sou uma mulher responsável pelo futebol dentro desse projeto social, poderia ser um homem, mas é uma mulher.

S.R. – Como foi essa tua transição de jogadora para técnica e professora?

A.A. – Eu sempre parava para pensar, eu admiro a Tatiele por isso, por que ela era uma baita jogadora e ela optou simplesmente. Eu me lembro disso: “Vou ser treinadora”. Eu ficava pensando, não sei se foi fácil ou difícil para ela, nunca conversei com ela sobre isso. Mas ela saiu, abriu uma escolinha, foi ser técnica, pronto. E eu tinha dificuldade para isso, eu pensava, eu tinha todo o potencial para fazer igual a ela, abrir uma escolinha, ser

técnica, ser professora, mas eu queria estar jogando. Eu não queria estar lá sabe? Eu queria estar jogando. Como as coisas foram se encaminhando, a gente vai amadurecendo e tendo outras prioridades na vida, hoje eu jogo brincando, eu não tenho uma equipe. Até estou jogando o Gauchão pelo Sapucaense, mas eu não gosto de jogar... Joguei semana passada, depois de um tempão sem jogar campo, joguei bem, não joguei mal, “ratiei” em uma bola só pelo tempo de bola daí também eu não vou me culpar, estou sem treinar. Mas fui assim porque ele pediu para me inscrever, perguntou se eu podia ser a número um da lista e eu disse pode, mas tu sabe eu trabalho, tenho outras prioridades, ele: “Eu só quero que tu esteja escrita comigo para quando eu precisar de ti”. “Beleza”. Ai semana passada eu fui, a goleira dele tinha se machucado, deu uma... Foi jogar no Rio Grande, metade do time foi expulso, a arbitragem... Chutando a canela da guria... Não sei como foi, não estava, eu sei que eu fui jogar para dar uma mão para o time, a gente perdeu para o Black Show, lá em Sapucaia. Vai ser sábado o próximo jogo, mas eu não vou poder ir, eu acho que eu não vou poder ir, mas eu deixei a competição de lado para poder trabalhar, para me dedicar mais aos meus projetos de vida mais profissionais e pessoais. Como eu te falei, antes eu não fazia mais nada eu só jogava, vivia dentro do ginásio jogando bola, não fazia outras coisas da minha vida e hoje eu faço outras coisas da minha vida e o futebol ficou meio que... E meu sentimento em relação a isso eu fico um pouco frustrada, isso eu te digo assim, porque eu sinto falta de jogar, só que eu não admito... Para mim é fácil, como foi uma época no Zequinha que eu não tinha tempo de treinar e ir só para o jogo. Porque a maioria das pessoas querem ir só para o jogo, porque é a melhor parte o jogar, só que para mim não, eu não gosto de ir para o jogo sem treinar, porque a minha qualidade não vai ser tão boa no jogo, eu me frustro. Então eu coloquei uma coisa na cabeça, se eu não conseguir me organizar para treinar, não vou jogar simplesmente por jogar, a não ser que for igual foi com o Sapucaense para ajudar, para quebrar um galho, que não tinha. Eu não consigo mais me organizar para treinar, não consigo... Por que eu poderia tentar... Mas eu acho... E outras equipes que estão disputando estadual, por exemplo, são aqui de Porto Alegre, são de regiões muito longe, Sapucaia não é tão longe de Porto Alegre, mas para tu vir até aqui, deslocamento e tudo, demanda tempo. Não sei se eu estou conseguindo... Eu acho que seria mais com a minha trajetória de vida profissional hoje, de trabalhar em dois lugares e estar correndo em todo lugar sempre talvez não seria algo, eu me conheço, eu gosto de me entregar de corpo e alma, e eu não conseguir me entregar de corpo e alma talvez fosse

estressante para mim, não seria algo bom. Mas eu sinto falta, a competição está dentro de mim, não adianta e eu sinto falta daquela adrenalina do jogo sabe?

S.R. – E a adrenalina de jogar é diferente do que estar no comando?

A.A. – É diferente, no fim tu fez essa pergunta e eu falei no início que foi difícil, mas que hoje eu estou... Compensa né? Acaba compensando pela falta de eu não estar jogando, mas eu sinto falta, mas é bom estar no comando também. É uma outra experiência, é diferente.

S.R. – Como surgiu essa iniciativa o PEI e do Futebol de Rua?

A.A. – Dentro do PEI, eu entrei no PEI fazem três anos e meio, acho que foi em 2010, 2011. Quando eu entrei já tinha escutado falar do Futebol de Rua, o conhecimento que eu tinha era o futebol tradicional onde tem um árbitro, enfim, é o que a gente está acostumada e eu ouvia falar, meu coordenador já tinha participado de dois mundiais e trabalhava na ACM³⁸ que trabalhava direto com a metodologia e ele sempre me falava, mas muito superficial, eu não tinha ideia do que era. Até tentava trabalhar com os meus alunos, voltava para o tradicional por que... E ai um dia em 2012 fomos convocados para participar do Festival de Futebol de Rua no Uruguai, utilizando sempre os mesmos critérios, representatividade nos núcleos, são três núcleos, tem gente dos três núcleos, a idade, tem que ser adolescentes, tem que ser os mais velhos, o comprometimento com o projeto, disciplina, principalmente a questão característica de liderança e autonomia, que eu acho que tem tudo a ver com adolescente, protagonismo. Ai a gente levou eles, eu e uma coordenadora a gente foi para o Festival de Futebol de Rua no Uruguai. Lá eu vi o que era o futebol de rua, fui mediadora, não tem arbitro, fui mediadora. Mas uma mediadora, mais de dupla, peguei um cara mais experiente e eu fiquei mais auxiliando ele, fiz uma mediação sozinha depois que eu assisti várias mediações, foi muito legal, a dificuldade sempre é o idioma mesmo, por que essa metodologia surgiu na Argentina então a maioria é espanhol, a língua. Por mais que o espanhol é mais fácil, por exemplo, que o inglês, se tu está conversando com uma pessoa rapidamente tu não consegue entender muito o que ela

³⁸ Associação Cristã de Moços.

fala, muito rápido. Tem que ser pausadamente para tu conseguir entender, essa foi uma dificuldade, tanto no Festival, quanto no próprio mundial que foi agora. Esse ano que foi uma baita experiência Mundial de Futebol de Rua que aqui não tem. Mas voltando, á partir de 2012 então começamos a fazer formações internas dentro do PEI para os nossos estagiários, especificamente o meu coordenador, e quem faz as formações sou eu, praticamente que coordeno junto com ele, mas antes era mais ele. Ele que trouxe essa experiência para dentro do PEI, então hoje eu, como posso dizer, no início para mim foi difícil por que tu tem que comprar essa ideia, por que é uma ideia muito legal. Só que tu vem de uma competição que tem árbitro, que visa a vitória, não que o futebol de rua não vise, mas é diferente só vivendo para saber assim, é totalmente diferente. No futebol de rua não tem árbitro a começar, isso dá uma grande diferença, que tem um árbitro que define para ti o que é falta, o que é gol, o que é lateral, que pune com cartão. E de um futebol de rua onde não tem árbitro que tu é protagonista do jogo, que tu define se foi falta ou não, tu define as regras e que eu sempre digo que é uma vitória compartilhada, por que os dois times conversam para ver quem vai vencer, então tem que ter a aceitação de todo mundo. No inicio foi difícil essa transição, mas agora eu compreí a ideia, uma ideia muito legal, desde 2012 para cá que foi aonde eu vivi o futebol de rua. E não só o futebol de rua, o futebol é o instrumento como eu sempre digo. Pode ser em qualquer modalidade esportiva handebol, basquete, mas que eles possam ser protagonistas conversem, dialoguem sobre.

S.R. – Como é a participação das meninas nesse projeto?

A.A. – O nosso projeto é caracterizado, se tu for lá nas planilhas para contar assim é meio a meio de meninas e meninos. Ás vezes tem mais meninas do que meninos, tem um núcleo da Imperatriz que eu sempre digo lá ás vezes vou dar aula de futebol que tem três meninos e cinco meninas, por exemplo, é uma coisa muito impressionante, por que se tu vai em um projeto social, se tu for parar para ver a maioria é de meninos, poucas meninas se inserem e no PEI não. Como o futebol de rua trabalha principalmente essa questão de gênero, porque ele só se caracteriza pela presença de meninos jogando com meninas ou de meninas jogando com meninos, tem tudo a ver, até pela quantidade de meninas que a gente tem no projeto. Elas acabam se inserindo muito bem, tanto é que para o Mundial de Futebol de Rua o que aconteceu? Era para levar oito, o máximo de pessoas que se pode levar, segundo o regulamento são oito. Quatro meninas e quatro meninos. Foi uma trajetória, compramos

passagem tudo, ai chegou uma semana antes um menino resolveu não ir, coisas pessoais dele, resolveu não ir, ai a gente foi com quatro meninas e três meninos, mas a questão não é o menino ou a menina não ter ido, a questão é a pessoa perdeu a oportunidade de ir, por que poderia ter ido outro no lugar. Não é porque o menino que não foi, esse é meu sentimento, outra pessoa poderia ter ido no lugar dele já que ele não pode ir, mas ai ficou muito em cima e não deu. Então lá o que aconteceu? As outras equipes sempre tinham um técnico junto orientando, por ser mundial e a gente não trabalha em cima disso, a gente trabalha com autonomia do grupo, Eu reuni e conversei com eles: “Gente, como vocês preferem? Ter uma pessoa junto? Porque vocês sabem como a gente trabalha, não seria o ideal, iríamos contra os nossos princípios, é muito fácil eu estar lá, junto com vocês dizendo quem vai sair jogando, dizendo trocando eu mesma, orientando vocês, quem vai jogar em qual posição”. Sai fora da proposta do futebol de rua se tu for parar para pensar, é a mesma coisa que ter um árbitro, na minha opinião, claro, com propostas diferentes. E eles disseram: “Não sora, a gente vai”. E então eles se organizavam e era muito legal, às vezes eles vinham te perguntar alguma coisa ou tu via alguma coisa de fora ai tu ia ver, tentar ajudar. Mas eles se organizavam dentro de quadra, quem saia quem não saía, já tinham todo um... Ai teve cinco, quatro na linha um no gol, depende da quadra tinham duas quadras ou cinco na linha um no gol e tinha... Às vezes saiam quatro meninas e um guri ou saía três meninas e dois meninos, foi muito legal essa interação entre eles, não tinha essa questão sabe? Diferenciar. O regulamento dizia no jogo tinha que ter um menino pelo menos ou uma menina no jogo, então eles sempre faziam essa proposta para as outras equipes de tentar jogar com duas meninas e eles não, o regulamento diz uma, então a gente vai jogar com uma, mas por quê? Uma equipe só que foi até que eles relataram que foi a equipe da Argentina se eu não me engano, uma equipe só que aceitou jogar com duas meninas, o restante, elogiava a nossa equipe por mais meninas jogando, mas na hora da prática não fazia. Então eu acho que essa participação das nossas meninas já diz um pouco dentro da proposta do PEI, não só no futebol, em todas as atividades. Jogar hóquei até aqui na ESEF³⁹, tem treinos, tem equipe, tem meninas nossas que são convidadas para jogar na equipe de hóquei ou quando a gente vem, elas vêm como técnica, o professor está junto, mas elas estão ali.

³⁹ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

S.R. – Tem mais alguma coisa que tu queira falar do futebol de rua ou desse projeto?

A.A. – Olha eu só tenho a dizer, como eu falei no seminário, quando eu entrei para o PEI eu achava que sabia muito de futebol, depois eu fui conhecer esse outro futebol e vi que eu sabia de futebol mas não sabia tanto quanto. Hoje eu sei um pouco mais outras formas de trabalhar o futebol sabe? Que é muito rico, eu acho que isso a gente pode trazer inclusive para a competição se tu for parar para pensar, tu vai deixar a equipe muito mais coesa dentro de quadra, a pesar de ter um árbitro lá. Mas eu acho que essa estratégia de autonomia pode virar um estudo, de repente, acho q a gente pode até fazer, de tentar trazer, não toda a metodologia para a competição, por que muda muitas coisas. Mas dentro dos treinos, tu entendes? Algo interno, do grupo...

S.R. – Teríamos menos confusões...

A.A. – É, quem sabe? Por que ai já se resolve o que tem para resolver. Pensei nisso agora, é algo legal para o grupo, claro, vai chegar dentro de quadra vai ter um árbitro dizendo, nas dinâmicas de grupo, tem tudo a ver a proposta para a construção das equipes.

S.R. – Quais as diferenças que tu vê de jogar futebol quando tu começou, quando tu iniciou de jogar agora?

A.A. – A diferença é que... Claro, existe muito preconceito, isso não dá para negar, mas menos do que existia. Eu acho que existe menos, por quê? Por que a mulher está conquistando o seu espaço, não só no futebol, em tudo. Então a mulher está sendo vista de uma forma diferente, claro que tu relaciona com o futebol tem preconceito, mas eu acredito que o espaço que a mulher vem adquirindo em outras áreas facilita no lado do esporte em si, a mulher poder se enxergar dentro do esporte, o que antes a mulher não se enxergava pelo preconceito, pela discriminação, de achar que a mulher é inferior, aquela coisa toda que eu não vou entrar no mérito, mas que essa conquista da mulher em outras áreas acho que isso propicia dentro do esporte e especialmente do futebol que as mulheres consigam se identificar: “Por que eu não posso jogar?”. A serem mais autocríticas e conquistar o seu espaço, o que antes eu achava mais difícil. Eu acredito que antes, muitas meninas se reprimiam por isso, vem de cultura familiar: “Menina não joga futebol, tu não pode jogar”.

Acho que hoje em dia está mais fácil de lidar com isso, de poder enxergar... E na escola as meninas estão jogando mais, eu que dou aula, eu não sei no ensino fundamental, mas no ensino médio as meninas jogam junto com os guris, não tem problema nenhum, de noite né? De dia não sei como funciona, por que de noite é um público mais maduro e elas jogam junto e não estão nem ai e antes não era assim, então eu acho que é pela conquista da mulher nos espaços... Claro, estou falando de conquista de espaços para a mulher se enxergar dentro de espaços dentro do esporte, mas de valorização muito devagar, muito lento, poderia estar bem melhor por ser o futebol. Comparando com os outros esportes, vamos pegar o handebol também, tem uma baita estrutura e engatinha né? Por quê? Eu não sei, acho que tudo está muito focado em uma coisa só, por que gera muito lucro, mas gera muito lucro e eu sempre faço a “mea culpa” a gente contribui para isso. Então é meio difícil de quebrar, mas é exatamente por isso, por que o futebol, por que o feminino não vai se o futebol é o top, por que futebol não vai. Por que é aquilo que a gente estava discutindo, é uma disputa de poder entre homens e mulheres e eles não querem comprar briga, acho que é mais ou menos por ai.

S.R. – Quais são as tuas perspectivas do futebol jogado por mulheres?

A.A. – Não pessoal, tu diz a minha visão...

S.R. – Pessoal, profissional, geral...

A.A. – Perspectivas assim de...

S.R. – Como tu vê o futebol daqui alguns anos? Ou quais são as tuas esperanças em ver o futebol feminino daqui a alguns anos?

A.A. – Hoje em dia existem muito mais organizações do que antes existia, faz uns vinte anos... Está crescendo “devagarinho”, a minha esperança... Essas pessoas que estão por trás do futebol feminino quem sabe a luta que tem para manter um Campeonato Gaúcho, para manter um Campeonato Estadual, para manter uma organização feminina, para manter até mesmo uma equipe, por que existe tanto rodízio de meninas? Por que a equipe acaba por que não tem investimento, acaba a equipe, ai umas vão jogar num lado as outras vão jogar

no outro porque não tem, não se consegue manter. Esse é o meu medo, que essas pessoas que lutam pelo futebol feminino, pelo desenvolvimento dessa modalidade, de tanto bater, bater, bater, e bater e ver que não vai ter... Não vai dar além do que já está tendo, desistam. Eu acho que não, a minha esperança é que essas pessoas não desistam por que se... Acho que é isso que as pessoas... Que eles querem, se eles querem acabar com o futebol feminino, não sei qual é o objetivo, por que tem que investir, se não tem investimento acaba. Eu acho que é isso, para virar profissional mesmo, algo profissional, não só amador, que eu vejo o futebol feminino muito mais amador, infelizmente.

S.R. – É até um pouco controverso, se tu for ver antigamente, há uns anos atrás tinha equipe do Inter, tinha equipe do Grêmio. As meninas recebiam, tinham carteira assinada, tudo... O preconceito está diminuindo, mas agora tu não vê mais nenhuma equipe consolidada. A que se deve isso?

A.A. – Qual é o motivo exatamente. A que se deve? Não sei. Daqui a pouco é isso que eu te falei, as pessoas desistiram. Essas pessoas que lutam pelo espaço acabam desistindo de tanto lutar e sempre não ser valorizado nunca. Minha esperança é essa, se é assim, se isso acontece assim acaba de vez. É não desistir e acho que iniciativas como a que vocês estão tendo, eu acho que é isso, se não está indo para um lado bom, vamos ir para o lado mais acadêmico, vamos ir para o lado mais de pesquisa, mais de trabalhos, mais de ir atrás de pesquisar o porquê, de fazer trabalhos, artigos, isso tem que crescer de alguma maneira. Eu acho que a valorização está por esse caminho, dentro das universidades mesmo, dentro do próprio apoio da universidade com as suas equipes digamos assim, começa por ai também, se a gente quer mudar. Tem que vir de algum lugar.

S.R. – Tem alguma coisa que eu não te perguntei e tu gostaria de falar?

A.A. – Olha eu falei tanta coisa que realmente a minha vida está... Profissional e de atletas, e meus pontos de vista estão todos contemplados.

S.R. – Muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]